

ARTIGO ORIGINAL

# A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA CAMINHA NO SENTIDO DE UMA “EDUCAÇÃO SEM DISTÂNCIAS”

*Franciene Silveira<sup>1</sup>*

## RESUMO

Esse trabalho é um ensaio acadêmico que tem o objetivo de realizar uma reflexão a respeito da Educação a Distância (EaD) e sua trajetória evolutiva ao longo dos anos. Para alcançar o objetivo, iremos passar, em um primeiro momento, pela definição do conceito de educação a distância e um breve relato da sua história. Em seguida, apresentaremos as diferentes perspectivas teóricas da educação a distância. Em um terceiro momento, dissertaremos sobre o impacto da evolução tecnológica nas abordagens pedagógicas. Por fim, exibiremos, nas considerações finais, os desafios a serem enfrentados para que a afirmativa “A educação a distância caminha no sentido de uma educação sem distâncias” se torne uma realidade transformadora e acessível a todos.

**Palavras-chave:** Educação a Distância. Evolução Tecnológica. Desafios e Transformação.

## DISTANCE EDUCATION MOVES TOWARDS “EDUCATION WITHOUT DISTANCES”

## ABSTRACT

This work is an academic essay that aims to reflect on Distance Education (EaD) and its evolutionary trajectory over the years. To achieve the objective, we will first go through the definition of the concept of distance education and a brief account of its history. Next, we will present the different theoretical perspectives of distance education. In a third moment, we will talk about the impact of technological evolution on pedagogical approaches. Finally, in the final considerations, we will show the challenges to be faced so that the statement “Distance education moves towards education without distances” becomes a transformative reality and accessible to everyone.

**Keywords:** Distance Education. Technological evolution. Challenges and Transformation.

---

1. Universidade do Minho – Portugal (ffrancyjf@yahoo.com.br)



# A EDUCACIÓN A DISTANCIA AVANZA EN LA DIRECCIÓN DE UNA “EDUCACIÓN SIN DISTANCIAS”

## RESUMEN

Este trabajo es un ensayo académico que tiene como objetivo realizar una reflexión sobre la Educación a Distancia (EaD) y su trayectoria evolutiva a lo largo de los años. Para alcanzar este objetivo, en primer lugar abordaremos la definición del concepto de educación a distancia y un breve relato de su historia. A continuación, presentaremos las diferentes perspectivas teóricas de la educación a distancia. En un tercer momento, disertaremos sobre el impacto de la evolución tecnológica en los enfoques pedagógicos. Finalmente, en las consideraciones finales, expondremos los desafíos a enfrentar para que la afirmación “La educación a distancia avanza en la dirección de una educación sin distancias” se convierta en una realidad transformadora y accesible para todos.

**Palabras clave:** Educación a Distancia. Evolución Tecnológica. Desafíos y Transformación.

## 1. INTRODUÇÃO

Esse ensaio foi elaborado visando apresentar uma reflexão sobre a educação a distância e sua evolução ao longo dos anos, principalmente a partir do avanço das tecnologias. O ensaio está organizado em três momentos. No primeiro, apresentamos o conceito e um breve histórico da Educação a Distância (EaD) no contexto mundial. O termo Educação a Distância (EaD) é algo bem antigo, como nos aponta Barros (2003), apresentando um pouco da história dessa modalidade de ensino. O primeiro registro foi no século XVIII, com cursos por correspondência. Desde então, até os dias atuais, a EaD tem passado por um contínuo processo de evolução, alicerçada no avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Percebemos que a EaD se expandiu, sobretudo na última década, principalmente com a popularização dos smartphones e a facilidade em nos mantermos conectados via internet. Passamos a ter a possibilidade de ampliar a educação a distância, buscando superar as barreiras tradicionais que separam alunos/as e professores/as geograficamente.

No segundo momento, abordamos as perspectivas teóricas da educação a distância. Ao longo de todo o caminho da EaD, alguns teóricos envolvidos com a temática desenvolveram teorias sobre a educação a distância. Nesse ensaio, iremos abordar as seguintes teorias: Teoria da Industrialização de Peters (1967); Teoria da autonomia e da independência de Delling (1966), Wedemeyer (1973) e Moore (1977); Teoria da Interação e da Comunicação de Holmberg (1995) e Teoria do Conectivismo de Siemens e Downes (2005).

Já no terceiro momento, discutimos a evolução tecnológica nas diversas abordagens

pedagógicas, partindo do conceito de geração de inovação tecnológica de Garrison (1985). No entanto, é importante destacar que avançamos além do escopo original desse autor, que inicialmente propôs três gerações. Atualmente, já é possível identificar pelo menos cinco gerações distintas, enquanto permanecemos atentos à possibilidade do surgimento de novas gerações no futuro.

Para finalizar este trabalho, ponderamos que a Educação a Distância (EaD) está trilhando o caminho em direção a uma modalidade de ensino sem limitações geográficas. No entanto, é crucial mantermos em mente os desafios que precisam ser superados para tornar a afirmação “A educação a distância caminha no sentido de uma educação sem distâncias” uma realidade concreta.

## 2. CONCEITUANDO EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Encontramos diversos conceitos de Educação a Distância (EaD) e podemos salientar que todos apresentam pontos em comum. Contudo, cada autor ressalta uma característica na sua conceitualização. Como podemos observar a seguir, o uso de tecnologias de telecomunicação é o predicado ressaltado no conceito de Chaves (1999):

No sentido que a expressão assume hoje (vamos chamá-lo de sentido atual), enfatiza-se mais (ou apenas) a distância no espaço e se propõe que ela seja contornada através do uso de tecnologias de telecomunicação e de transmissão de dados, voz (sons) e imagens (incluindo dinâmicas, isto é, televisão ou vídeo). Não é preciso ressaltar que todas essas tecnologias, hoje, convergem para o computador (p. 34).

Litwin (2001) destaca espaços e tempos que não são compartilhados. Para essa autora, a EaD “substitui a proposta de assistência regular à aula por uma nova proposta, na qual os docentes ensinam e os/as alunos/as aprendem mediante situações não convencionais, ou seja, em espaços e tempos que não compartilham” (p. 13). Moore e Kearley (2008) também consideram a separação física entre professor/a-aluno/a, mas destacam, principalmente, a necessidade de design especial para elaboração dos cursos. Nas palavras de Moore e Kearley (2008):

A Educação a Distância é um aprendizado planejado que normalmente ocorre em um local diferente do local de ensino, exigindo um design de curso especial e técnicas instrucionais, comunicação por meio de várias tecnologias e arranjos organizacionais e administrativos especiais (p. 2).

A partir dos conceitos expostos acima, acreditamos que a definição que mais precisamente se alinha com o conceito contemporâneo de Educação a Distância é a de Moore e Kearley (2008), visto que esta modalidade de ensino apresenta características distintas que requerem um planejamento instrucional meticuloso, bem como técnicas e ferramentas destinadas a otimizar o processo de ensino-aprendizagem.

A partir da conceituação exposta acima, ficamos com a pergunta: Como surgiu a EaD? Podemos dizer que os primeiros indícios de utilização da educação a distância, de acordo com Barros (2003),

foram no século XVIII, quando foi oferecido um curso por correspondência em uma instituição de Boston (EUA), o que permitiu a evolução da EaD pelo mundo. Em 1930, já haviam “39 universidades norte-americanas que ofereciam cursos a distância” (Litwin, 2001, p. 15). Outro marco importante na evolução da EaD foi a abertura da British Open University, em 1969, na Inglaterra, com uma proposta inovadora e desbravadora. Aprimorou os instrumentos de comunicação entre professores/as e alunos/as, assim como a recepção e envio dos materiais educativos, tornando-se pioneira na modalidade de ensino superior a distância. Segundo Litwin (2001), a *Open University*:

(...) mostrou ao mundo uma proposta com um desenho complexo, a qual conseguiu, utilizando meios impressos, televisão e cursos intensivos em períodos de recesso de outras universidades convencionais, produzir cursos acadêmicos de qualidade. [...] A *Open University* transformou-se em um modelo de ensino a distância (p. 15).

A partir desses marcos históricos e outros, a EaD continuou a evoluir progressivamente. A EaD supera as barreiras tradicionais que separam alunos/as e professores/as geograficamente e, hoje, é um método de ensino muito usado no mundo todo, especialmente nas últimas décadas. No entanto, a mera disponibilidade da EaD não garante seu sucesso ou eficácia.

Segundo a UNESCO (2020), através de mapeamento realizado pela *Teacher Task Force*, no período da pandemia de Covid-19, cerca de 800 milhões de estudantes que estavam com as aulas suspensas, no período, não possuíam computador em casa, bem como 43% do total desses estudantes não tinham acesso à internet. Na realidade brasileira, por exemplo, conforme pesquisa realizada em 2019 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, o percentual de alunos/as da rede pública de ensino que não possuem acesso a computador em casa é de 39%, enquanto na rede privada de ensino esse percentual é de 9%. A realidade socioeconômica desigual brasileira coloca uma grande parcela de alunos/as da rede pública de ensino em posição desfavorável, pela dificuldade de acesso à internet e às tecnologias necessárias à educação a distância.

Outro elemento crítico que não pode ser negligenciado é a qualidade. De acordo com Demo (2001, p. 21), a educação que supõe qualidade exige construção e participação, pois “precisa de anos de estudo, de currículo, de prédios e de equipamentos, mas, sobretudo, de bons professores, de gestão criativa e de ambiente construtivo/participativo, sobretudo de alunos construtivos/participativos” para se concretizar. Esses aspectos destacados são de extrema importância para a reflexão sobre a Educação a Distância (EaD) e para torná-la uma modalidade educacional verdadeiramente uma educação sem distâncias.

### 3. PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Da mesma forma que há uma variedade de conceitos relacionados à Educação a Distância (EaD), como explanamos no início deste trabalho, podemos observar que existem diversas teorias que abordam esse campo. Neste trabalho, exploraremos, a seguir, as teorias da “industrialização

do ensino”, da “autonomia e independência”, da “interação e comunicação” e, por fim, a teoria “conectivista”, respectivamente.

A educação, e por conseguinte a EaD, não está descolada da sociedade; boa parte do que ocorre para além dos muros da escola tem impacto internamente. Nos séculos XVIII e XIX, aconteceram várias transformações no cenário econômico, político e social da Europa. Essas alterações ficaram conhecidas como Revolução Industrial. A referida Revolução Industrial ocasionou necessidades educacionais e exigências da expansão do ensino, na educação presencial e também na EaD. Na EaD, o fato ficou denominado como Teoria da “Industrialização do ensino” proposta por Otto Peters (1967). No início dos anos 1970, Peters publicou os primeiros artigos sobre a EaD e Sociedade Industrial e Sociedade Pós-Industrial. Defendia que a EaD somente faria sentido se permitisse a formação em massa, ou seja, o fordismo aplicado na EaD (Prete, 2007).

De acordo com Costa (2019), a “Teoria da Industrialização do Ensino toma como ponto de partida a premissa de que, enquanto a educação tradicional e convencional compreende formas pré-industriais, a educação a distância caracteriza-se eminentemente por condições industriais de ensino” (p. 66). Esta perspectiva se refere ao modelo tradicional de ensino, que é altamente estruturado e padronizado. É frequentemente associado à ideia de que a educação segue um modelo de produção em massa, semelhante ao da indústria, onde os alunos/as são vistos como produtos a serem fabricados em um processo uniforme.

Percebemos que a teoria de industrialização de Peters ainda é aceita no campo da EaD, contudo outras teorias surgiram ao longo dos anos, com o intuito de definir, explicar e fundamentar a EaD. Dentre outras teorias sobre a EaD, encontramos a Teoria de “Autonomia e Independência”, com precursores notáveis, como Rudolf M. Delling (1966), Charles Wedemeyer (1973) e Michael G. Moore (1977), entre outros. Rudolf M. Delling (1966) postula que o estudante é autônomo e independente, sendo o elemento central na EaD (Gomes, 2004a).

De acordo com Gomes (2004a), “Wedemeyer considera que o ser humano é dotado de uma capacidade inata de realizar aprendizagens de forma independente (autônoma) e que estas não são exclusivas dos ambientes escolares” (p. 93). Aprendizagem, aqui, deve ser individualizada e livre, ou seja, centralizada no estudante.

Para Moore (1977), o grau de autonomia e diálogo varia consoante o programa do curso, que estará adequado às necessidades dos estudantes (Moore, 1977 *apud* Gomes, 2004a). Michael G. Moore cunha o termo ‘Teoria da Distância Transacional’ para descrever a dinâmica que envolve a estrutura dos programas de Educação a Distância (EaD), a interação entre o/a professor/a-tutor/a e o/a aluno/a, o uso de mídias e a autonomia do aluno no processo de aprendizagem a distância. Ele destaca que a extensão do diálogo e a flexibilidade da estrutura variam de um programa para outro. Essa variação é o que determina se um programa apresenta maior ou menor distância transacional em relação a outro. Em programas com alta distância transacional, onde a interação é limitada, os materiais didáticos são altamente estruturados, oferecendo orientações específicas. Portanto, em programas com grande distância transacional, cabe aos alunos/as a responsabilidade de avaliar e tomar decisões sobre suas estratégias de estudo. Em suma, quanto maior a distância transacional,

mais autonomia é exigida do aluno (Preti, 2007).

De forma resumida, podemos dizer que essa teoria enfoca o processo de ensino e aprendizagem centrado no estudante, onde a educação é considerada um processo intrinsecamente individualizado. Nesse contexto, os adultos são capacitados para tomar decisões sobre seu próprio aprendizado e a maneira como o conduzem.

Outra teoria da EaD é a Teoria da “Interação e da Comunicação” do sueco Börje Holmberg. Esta teoria tem suas bases na interação e comunicação entre professores/as e alunos/as. Holmberg ressalta que o próprio aluno é quem deve tomar decisões de forma independente, decidindo o quê e como aprender, mas para alcançar essa independência os/as alunos/as devem ser ajudados pelo/a professor/a através da conversa didática guiada (*guided didactic conversation*). De acordo com Gomes (2004b), o conceito de “conversa didática guiada” de Holmberg (1995) “preconiza a adoção de um estilo ‘convencional’ no estabelecimento dos contatos entre os tutores e autores de materiais de ensino e os alunos, criando condições para um diálogo orientado (*guided*) no sentido de promover o desejo de aprender”(p. 111). A interação a partir da conversa didática guiada cria uma motivação e colabora de forma positiva e produtiva para a aprendizagem. Dessa forma, podemos afirmar, de maneira sucinta, que essa teoria enfatiza a importância da interação social e da comunicação na aprendizagem. Acredita-se que os/as alunos/as aprendem melhor quando estão envolvidos em discussões, colaborações e trocas de ideias.

Em 2005, George Siemens e Steven Downes propuseram uma nova teoria intitulada de “Conectivismo”. O conectivismo é uma teoria de aprendizagem que enfatiza a conexão de conhecimento em redes complexas e em constante evolução. Os/as alunos/as aprendem mediante conexões e redes, facilitadas pela tecnologia. De acordo com Siemens (2008), o conectivismo:

*Es la aplicación de los principios de redes para definir tanto el conocimiento como el proceso de aprendizaje. El conocimiento es definido como un patrón particular de relaciones y el aprendizaje es definido como la creación de nuevas conexiones y patrones como también la habilidad de maniobrar alrededor de redes/patrones existentes. El Conectivismo aborda los principios del aprendizaje a numerosos niveles – biológico/neuronal, conceptual, social/externo. Este es un concepto clave sobre el que escribiré más durante el curso online. Lo que estoy diciendo con conectivismo (y creo que Stephen compartiría esto) es que la misma estructura de aprendizaje que crea conexiones neuronales se pueden encontrar en la forma de vincular ideas y en la forma en que nos conectamos con las personas y a las fuentes de información. Un cetro para gobernarlos a todos. El Conectivismo se enfoca en la inclusión de tecnología como parte de nuestra distribución de cognición y conocimiento (p. 1-2).*

O conhecimento é visto como um padrão específico de conexões, e a aprendizagem envolve a criação de novas conexões e padrões, bem como a habilidade de navegar pelas conexões e padrões existentes. Uma característica distintiva do conectivismo é a ênfase na inclusão da tecnologia como parte integrante da nossa capacidade de distribuir cognição e conhecimento. O conhecimento é considerado como residindo nas conexões que estabelecemos, seja com outras pessoas ou fontes de informação, como bancos de dados, por exemplo. A aludida teoria parte do entendimento de que a informação é abundante e o papel do aluno é ter a capacidade de encontrar e aplicar conhecimento

quando e onde for necessário (Anderson; Dron, 2012). Ainda segundo Anderson e Dron (2012), o conectivismo tem suas raízes na premissa de um modelo construtivista de aprendizagem, onde o aluno é colocado no centro, conectando-se e construindo conhecimento em um contexto que engloba não apenas redes e grupos externos, mas também suas próprias experiências e preferências pessoais. Freire (2005) propõe que sejam construídas estratégias que possibilitem uma participação ativa dos/as alunos/as, incorporando suas experiências, anseios, curiosidades e indagações. Isso implica estabelecer uma relação de escuta e diálogo, permitindo que os/as alunos/as se sintam sujeitos ativos de seu processo de pensar.

Cada uma dessas teorias tem suas próprias implicações para o design educacional e abordagem de diferentes aspectos da experiência de aprendizagem. A escolha de qual teoria aplicar depende dos objetivos educacionais, do contexto e das preferências dos/as alunos/as. Muitas vezes, uma abordagem educacional combina elementos de várias teorias para atender às necessidades variadas dos/as alunos/as.

#### 4. EVOLUÇÃO TECNOLÓGICAS E ABORDAGENS PEDAGÓGICAS

Não podemos deixar de abordar o importante papel que a evolução tecnológica tem nas diferentes abordagens pedagógicas do contexto de EaD, contribuindo cada vez mais para diminuir as distâncias entre o aprendiz e o conhecimento. Para Garrison (1985), “*the essential nature of mediated communication to distance education emphasizes the need to understand the impact that new technologies have had on distance education delivery methods*” (p. 235). Assim, para entender esse impacto das novas tecnologias, Garrison (1985) propôs o conceito de *Generations of technological innovations*, ou seja, ‘geração de inovação tecnológica’. O referido autor considera três gerações de inovação tecnológica na EaD.

A primeira geração é caracterizada pelo uso de material impresso distribuído aos/as alunos/as por meio de correspondência. A segunda geração é designada por Garrison (1985) como geração das telecomunicações (*Telecommunications Generation*). Essa geração foi impulsionada pelo uso de meios de comunicação de massa, como o rádio, a televisão e o telefone. Já a terceira geração, nomeada por Garrison (1985) de *Computer Generation*, foi marcada pela introdução de tecnologias interativas: primeiro áudio, depois texto e vídeo.

Como explica Gomes (2008), o conceito de ‘geração de inovação tecnológica’ não deve ser centrado na natureza das tecnologias, mas sim nas suas potencialidades em termos de mediatização. Para Paulo Freire (2005), a relação do homem com o mundo acontece de forma mediatizada. A educação se dá através de uma prática de interação, onde o educador e o educando são agentes de transformação num processo dialógico e humanizador. As tecnologias são determinantes na mediatização dos conteúdos pedagógicos, na mediatização da relação entre alunos/as – professores/as e entre aluno/a – aluno/a e na mediatização da interação dos/as alunos/as com serviços da instituição.

Na primeira geração, a mediatização de conteúdos ocorre via documentos impressos, ou seja,



mono mídia. Na segunda geração, a mediatização de conteúdos tem ênfase nos audiogramas e videogramas, múltiplas mídias. Já na terceira geração, a mediatização de conteúdos é multimídia interativa sob forma de CD-ROMs e DVDs (Gomes, 2008). Conforme entende Gomes (2008), em traços gerais, do ponto de vista da comunicação/interação, existe um consenso entre diferentes autores (Garrison, 1985; Nipper, 1989) sobre a primeira e a segunda gerações. No entanto, com relação à terceira geração, há algumas diferenças evidentes. Para Gomes (2008), a proposta de Nipper para a terceira geração valoriza a comunicação e a aprendizagem como um processo social, tratando-se de uma questão não só tecnológica, mas também institucional e pedagógica. Encontramos pensamento análogo em Anderson e Dron (2012), ao afirmar que a tecnologia e a pedagogia estão entrelaçadas numa dança, onde “a tecnologia marca o ritmo e cria a música, enquanto a pedagogia define os movimentos” (p. 120).

Com o avançar das tecnologias, outras gerações surgiram. Em 2003, Gomes propôs a quarta geração de EaD, geração de *e-learning*, desenvolvida em torno das comunicações em rede. “O multimídia e a hipermídia na Web ampliam o seu potencial interativo para uma dimensão colaborativa que nos leva a caracterizar a geração do *e-learning* como a geração do multimídia colaborativo” (Gomes, 2008, p. 191). Assim, com o desenvolvimento da Internet, permitindo, entre outros, o acesso a bancos de dados e bibliotecas virtuais, videoconferências, comunicação síncrona e assíncrona, via chats e e-mails e participação em fóruns de discussão.

E, ainda, podemos falar em uma quinta geração, denominada de Geração do *mobile learning* (*m-learning*), que se estabelece com o avanço dos telefones celulares com tecnologia UMTS (*Universal Mobile Telecommunications System*), que transformou os celulares em computadores portáteis (Gomes, 2008). Os smartphones estão se tornando cada vez mais populares por sua versatilidade, funcionalidade e tamanho. Abriram o caminho para uma nova era de serviços sem fio, devido à taxa de dados de alta velocidade; assim, são capazes de suportar acesso rápido à internet, áudio, vídeo, multimídia e voz, favorecendo a mediatização de conteúdos através da multimídia conectiva e contextual. Para Aretio (2004 *apud* Gomes, 2008), *m-learning* significa aprendizagem móvel com máxima portabilidade, interatividade e conectividade.

É importante notar que nenhuma das gerações foi abolida em favor de uma que tenha surgido ao longo do tempo. Em vez disso, o repertório de opções disponíveis para os designers e alunos/as de EaD, na verdade, expandiu. Os educadores podem escolher e combinar elementos dessas abordagens para criar experiências de EaD que atendam às necessidades específicas de seus alunos/as e aos objetivos educacionais.

Mantemos a convicção de que o avanço tecnológico é incessante, e novas gerações de inovações tecnológicas estão destinadas a surgir. A história nos mostra que o progresso tecnológico é contínuo, com cada momento trazendo novas soluções e desafios. Hoje, testemunhamos o impacto da inteligência artificial, da computação quântica, da biotecnologia e de outras áreas inovadoras. No entanto, à medida que exploramos essas fronteiras, mais perguntas surgem: “Que competências, valores e significados, que usos da mente, do sentimento, da memória, da emoção (...) são ‘básicos’ ou fazem parte da formação básica em cada momento histórico?” (Arroyo, 2000, p. 183). Como a educação irá se beneficiar desses avanços para aprimorar o processo de aprendizagem? Como



universalizar o acesso à internet? Responder às citadas perguntas é um ponto fundamental a ser considerado na elaboração e implementação da EaD.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que a afirmação “A educação a distância caminha no sentido de uma educação sem distâncias” destaca o progresso em direção a uma educação mais acessível, flexível e inclusiva, possibilitada pela tecnologia. A educação a distância, impulsionada pela tecnologia, tem o potencial de eliminar barreiras geográficas, temporais e físicas que normalmente limitam o acesso à educação. Com a internet, os/as alunos/as podem se conectar a professores/as e recursos educacionais de todo o mundo, tornando a aprendizagem mais acessível.

Deste modo, podemos afirmar que a educação a distância está evoluindo significativamente no sentido de se tornar uma “educação sem distâncias”. No entanto, é imperativo reconhecer que há alguns desafios que precisam ser enfrentados para tornar essa visão uma realidade para todos os/as alunos/as, sem distinção de classe social. Isso inclui questões como, por exemplo, a falta de acesso à internet em determinadas regiões e a necessidade de assegurar a qualidade do ensino online.

Como salientamos anteriormente, é imprescindível a implementação de políticas públicas de inclusão digital para assegurar que a educação a distância beneficie todos os indivíduos. Conforme evidenciam os dados da Unesco (2020), apresentados no início deste trabalho, existe a necessidade de um esforço considerável para universalizar o acesso à internet. Além, é claro, de buscarmos uma EaD de qualidade. Educação de qualidade compreendida como aquela que possibilita o domínio eficaz dos conteúdos previstos nos planos curriculares; propicia a aquisição de uma cultura científica ou literária; e busca desenvolver a máxima capacidade técnica para servir ao sistema produtivo. Assim como Demo (2001), compreendemos uma educação de qualidade como aquela que se preocupa também com a promoção do espírito crítico e o fortalecimento do compromisso com a transformação da realidade social, onde todos os indivíduos tenham oportunidades de continuar o seu processo de formação.

Portanto, enquanto a EaD caminha em direção a uma “educação sem distâncias”, ainda é preciso trabalhar para garantir que essa transformação seja inclusiva, equitativa e acessível a todos, independentemente de sua localização geográfica e condição social. Isso exige investimento em design instrucional, tecnologia, treinamento de professores/as, suporte ao/à aluno/a e avaliação constante para garantir que os cursos e programas atendam aos padrões e expectativas de qualidade, proporcionando uma educação eficaz e significativa. Caso contrário, não podemos falar em educação sem distâncias.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, T.; DRON, J. Três gerações de pedagogia de educação a distância. **EAD em foco – Revista Científica de Educação a Distância**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 119-134, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.18264/eadf.v2i1.162> Acesso em: 13 mar. 2024.
- ARROYO, M. G. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARROS, D. M. V. **Educação a Distância e o Universo do Trabalho**. Bauru/SP: EDUSC, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/3291> Acesso em: 13 mar. 2024.
- CHAVES, E. O. C. Tecnologias na educação, ensino a distância e aprendizagem mediada pela tecnologia: conceituação básica. **Revista Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas**, Campinas, ano. 3, n. 7, 1999. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/421/401> Acesso em: 13 mar. 2024.
- COSTA, A. R. F. **Industrialização do ensino e política de educação a distância**. Campina Grande: EDUEPB, 2019.
- DELLING, R. M. **Versuch der Grundlegung zu einer systematis-chen Theorie des Fernunterrichts**. En: *Fernunterrichts 1966. Festschriftzum 50. Geburtsag von Watter Shultz-Rahe.* (Ed.) I. Sroka. Wlateral Schuitz. Verlag. Hamburg, 4, 209-226, 1966.
- DEMO, P. **Educação e qualidade**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2001.
- DOWNES, S. **An Introduction to Connective Knowledge**, 2005. Disponível em: <http://www.downes.ca/post/33034>.> Acesso em: 13 mar.2024.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GARRISON, D. R. Three generations of technological innovations in distance education. **Distance Education**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 235-241, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0158791850060208> Acesso em: 13 mar. 2024.
- GOMES, M. J. Autonomia, independência e educação a distância. In: Gomes, M. J. **Educação a distância**: um estudo de caso sobre formação contínua de professores via internet. Minho: Universidade do Minho, 2004a. p. 87-107. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/27547>. Acesso em: 13 mar. 2024.
- GOMES, M. J. Interação, comunicação e educação a distância. In: Gomes, M. J. **Educação a distância**: um estudo de caso sobre formação contínua de professores via internet. Minho: Universidade do Minho, 2004b. p. 109-127. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/27547>. Acesso em: 13 mar. 2024.

GOMES, M. J. Na senda da inovação tecnológica na Educação a Distância. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, v. 42, n. 2, p. 181-202, 2008. Disponível em: [https://doi.org/10.14195/1647-8614\\_42-2\\_10](https://doi.org/10.14195/1647-8614_42-2_10). Acesso em: 13 mar. 2024.

HOLMBERG, B. The evolution of the character and practice of distance education. **Open Learning**, v.10, n.2, p.47-53, jun. 1995. Disponível em: <<http://www.c3l.uni-oldenburg.de/cde/found/holmbg95.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2024.

LITWIN, E. Das tradições à virtualidade. In: LITWIN, E. (org.). **Educação a distância**: temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 13-22.

MOORE, M. On a theory of independent study, in **Distance Education: International Perspectives**, Routledge, London and New York, firsts publicado em ZIFF-Papier 16, november 1977, Hagen: Fernuniversitat.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

PETERS, O. **Distance education and industrial production: a comparative interpretation in outline**. 1967. Disponível em: <<http://www.c3l.uni-oldenburg.de/cde/found/peters67.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

PRETI, O. **Bases epistemológicas e teorias em construção na educação a distância**. Cuiabá: NEAD/UFMT, 2007. Disponível em: [http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos\\_site\\_uab/bases\\_epistemologicas.pdf](http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos_site_uab/bases_epistemologicas.pdf). Acesso em: 13 mar. 2024.

SIEMENS, G. **Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age**, 2005. Disponível em: [https://jotamac.typepad.com/jotamacs\\_weblog/files/connectivism.pdf](https://jotamac.typepad.com/jotamacs_weblog/files/connectivism.pdf). Acesso em: 10 mar. 2024.

SIEMENS, G. **¿Qué tiene de original el conectivismo?**, 2008. Disponível em: <https://humanismoyconectividad.wordpress.com/2009/01/14/conectivismo-siemens/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

UNESCO. Startling digital divides in distance learning emerge, **Unesco**, 2020. Disponível em: <https://en.unesco.org/news/startling-digital-divides-distance-learning-emerge>. Acesso em: 13 mar. 2024.

UNESCO. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). **TIC Educação 2019**: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras. São Paulo, 2019. Disponível em: [https://cetic.br/media/analises/tic\\_educacao\\_2019\\_cole-tiva\\_imprensa.pdf](https://cetic.br/media/analises/tic_educacao_2019_cole-tiva_imprensa.pdf). Acesso em: 13 mar. 2024.

WEDEMEYER, C. **The Use of Correspondence Education for Post Secondary Education**, 1973. Em Akalwasa; M. Kaunda (Eds) *Correspondence Education in África*. Routledge. London.